

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

“CADÊ EU?”

A INVISIBILIDADE DO NEGRO NO CINEMA

Cláudia Pereira da Silva Soyombo

Belo Horizonte

Cláudia Pereira da Silva Soyombo

“CADÊ EU?”

A INVISIBILIDADE DO NEGRO NO CINEMA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Especialização Pós-graduação em
Educação e Cinema da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Professora Mestre Clarisse
Alvarenga

Belo Horizonte
2015

Cláudia Pereira da Silva Soyombo

“CADÊ EU?”

A INVISIBILIDADE DO NEGRO NO CINEMA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Clarisse Maria de Castro Alvarenga – Faculdade de Educação da UFMG

Professora Célia Abicalil Belmiro (DMTE/Fae/UFMG)

Eugênio Magno Martins de Oliveira (Doutorando/Fae/UFMG)

AGRADECIMENTOS:

A Deus, que colocou anjos em meu caminho.

Aos meus pais Antônio (in memoriam) e Maria Eunice, e aos meus irmãos, que estiveram sempre ao meu lado me motivando.

À minha querida irmã Marina, em especial, que de maneira apaixonada e generosa contribuiu para a realização deste trabalho.

Ao meu marido Kenny e aos meus filhos Kikelomo, Oluwakemi e Kayode, que me apoiaram diariamente.

À Rosilene Egydio, que oportunizou e abraçou o referido projeto.

Aos meus meninos do quarto ano, que me surpreenderam, me emocionaram e me ensinaram.

À minha orientadora Clarisse Alvarenga, pela doçura, paciência e estímulo para que esse trabalho se concretizasse.

E a todos que direta e indiretamente colaboraram, muito obrigada.

*“A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte*

*A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer”*

(Arnaldo Antunes/ Marcelo Fromer/ Sérgio Britto)

RESUMO

No cinema infantil contemporâneo o negro é pouco retratado ou é comumente associado a posições subalternas ou estigmatizadas socialmente. Em se tratando do Brasil, país majoritariamente negro, essa situação tem impacto negativo sobretudo na vida das crianças negras, que negam sua identidade e mascaram aspectos que as associam à negritude. Nesse contexto, “Cadê eu” aborda de forma crítica a invisibilidade do negro no cinema, questionando o modo caricato ou servil retratado por diversas vezes. As sugestões de leitura propiciadas pelas disciplinas ministradas no decorrer do curso serviram como subsídios teóricos na realização do cineclube, cuja temática procurou refutar os estereótipos negativos associados ao negro. Desse modo, a seleção e a reflexão acerca dos filmes viabilizaram outro olhar em relação ao negro e, conseqüentemente, a si próprio, melhorando a aceitação pessoal e mudança atitudinal das crianças em relação às diversidades.

Palavras-chave: cinema infantil, negro no cinema, negritude e identidade, cinema e educação.

Sumário

1. INTRODUÇÃO:.....	8
1.2. Fundamentação teórica:.....	9
1.3. Objetivos gerais:.....	13
1.4. Relevância da proposta:.....	16
2. DESENVOLVIMENTO.....	18
2.1. Contextualização do campo de pesquisa:.....	18
2.2. Perfil da turma.....	19
2.3. Metodologia:.....	20
2.4. A escolha dos filmes:.....	21
2.5. Proposta de trabalho:.....	22
3. DESENVOLVIMENTO.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	38
5. REFERENCIAS:.....	41
5.1. Filmografia:.....	42
6. ANEXOS:.....	43
Memórias do bairro Vila Santa Branca segundo Dona Marli.....	43

1. INTRODUÇÃO:

O objetivo fundamental deste trabalho consiste em verificar a viabilidade da construção de um diálogo entre as crianças da Escola Municipal Professor Moacyr Andrade com alguns filmes infantis que suscitem uma reflexão acerca da questão racial no que diz respeito aos padrões e modelos (estéticos, morais, comportamentais) ideologicamente pré-estabelecidos para a vida social.

A partir da alteração dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional por meio da Lei 10.639 de 2003¹ que tornou obrigatório o ensino sobre a “História e a Cultura africanas e afro-brasileiras” no currículo oficial da rede de ensino nacional, engendrou-se a possibilidade da afirmação efetiva das identidades negras de crianças e jovens por meio da educação escolarizada.

Nesse sentido, um percurso que viabilize a construção de uma identidade étnico-racial nos levará às noções de diferença e identidade, que segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), possui uma relação em torno do ser ou não ser parte de um determinado grupo.

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. (SILVA, 2000:3).

Como as relações de poder refletem um sistema classificatório hierarquizado e pautado nas diferenças, torna-se evidente que o enfrentamento das desigualdades exige um olhar mais atento para a questão das diferenças que conformam as identidades.

Ora, quando as crianças negras e/ou pardas negam ou não se reconhecem em sua própria ancestralidade, não se trata de algo natural mas de um processo que foi se instaurando historicamente por meio de distorções, silêncios e apagamentos que incidem sobre os traços das identidades inferiorizadas.

Assim, o fato de não se identificarem nos filmes por meio de protagonistas negros, heróis, personagens de boa índole, exacerba essa autonegação. O estereotipo do preto marginalizado,

¹ Em 2008 a lei 11645 passou a incluir também a obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos povos indígenas.

pobre, bêbado, bandido, escravo, sofrido, é reforçado em muitas produções, inculcando nos pequenos a negação da própria identidade.

Como educadora negra, pretendi a partir das práticas propostas para este trabalho, refletir e possibilitar que as crianças valorizem e reafirmem a importância do povo negro na construção da civilização brasileira. E assim, contribuir para a construção de uma imagem positiva do negro junto à sociedade.

É importante que aprendam a questionar as razões que colocam os negros sempre a desempenhar papéis secundários, exercendo profissões social e economicamente desvalorizadas, ou sendo ridicularizados com piadas e comportamentos estereotipados.

1.2. Fundamentação teórica:

Quando percebemos que a criança negra não se enxerga nas produções, não encontramos nos filmes um herói que a represente, precisamos nos reportar à forma como o negro chegou ao Brasil, e traçar um panorama histórico para entendermos como esta situação se cristalizou.

Segundo Diogo (2004, p. 12):

“as categorias raciais no Brasil são culturalmente definidas por aparência e este é um país miscigenado, com predominância negra. Apesar dessa situação, as pesquisas apontam que o negro, quando representado nos meios de comunicação, na maioria das vezes é de maneira negativa ou estereotipada...”

Tal representação do negro, também se reflete nas produções cinematográficas, que a exemplo das novelas, insistem em colocar o negro em seu “devido” lugar.

Na mesma obra, Diogo cita Joel Zito Araújo², abordando uma pesquisa que aponta que o negro é retratado pela mídia dentro de uma simbologia ideológica de branqueamento. Dados da pesquisa revelam que entre as décadas de 80 e 90 houve uma ascensão do negro na TV brasileira, porém os papéis que lhe cabiam eram aqueles que retratavam a escravidão. Naquele período o percentual de atores negros nas telenovelas, girava em torno dos 10 por cento. Desta forma, o autor da pesquisa chega à conclusão de que a telenovela pouco auxiliou na construção de uma identidade social positiva para o povo afro-brasileiro, até porque as

²ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. 2a ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2004 apud DIOGO, Rosália. Mídia e Racismo: ensaios. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

telenovelas retratavam e davam manutenção à perpetuação da ideologia da supremacia branca como algo inerente à cultura brasileira.

Isso posto, não é de se estranhar que intelectuais e artistas negros questionem a presença do negro nas telinhas e/ou telonas representando personagens caricaturados: como escravos, sambistas, jogadores de futebol, mulatas boas de samba no pé, empregadas domésticas, bandidos, favelados... As imagens sedimentam o preconceito.

Mas a meu ver, a despeito da ressonância indubitável dos ideais e modelos propalados pela televisão e mídias em geral na mentalidade e comportamento de brasileiras e brasileiros, a escola e o conseqüente processo de escolarização têm, de modo geral, negligenciado seus efeitos e sua importância para a constituição das identidades individuais e coletivas.

Corroborando este pensamento, Diogo (2004:15) afirma que “[...] *o paradigma da identidade é imprescindível para os grupos, principalmente os excluídos, que pretendem marcar sua presença na vida social*”.

Acerca do conceito de identidade, é importante destacar que não se trata de um *estado* pronto e acabado mas que trata-se de um processo em construção permanente e que demanda portanto, escolhas e descartes. Assim sendo, evidentemente, a forma como se é visto ou representado pelo outro afetará positiva ou negativamente esta construção da identidade.

O fato de cultivarmos como nação e como povo, a ideia de que as diferenças não são tão importantes e que não devem ser explicitadas e sim diluídas pela mistura, decorrente da miscigenação desimpedida, oculta o fato de que tal mistura só é positivamente avaliada quando tende ao branqueamento (físico e cultural).

Neste sentido, Muniz Sodré apud BORGES (2012) analisa a presença negra nas produções midiáticas, enfatizando que:

“[...]a presença dos negros nos meios de comunicação se dá da mesma forma que uma inoculação vacinatória. Ou seja, a exemplo do que acontece no processo da produção da vacina, também no *mass média* se colocam alguns poucos negros – dois, três, quatro – para se evitar que se prolifere o número de pretos na TV... E ao mesmo tempo, produzir um simulacro de democracia racial”.

O racismo é pois, ostensivo mas os meios de comunicação tentam negar sua existência. Tanto no cinema como na televisão e nas mídias em geral, a *imagem* se consolidou como um dos principais vetores da sociedade contemporânea e o desafio que se coloca é a construção de uma capacidade que nos permita coletivamente, promover a desmitificação. Há que se viabilizar o confronto de tais mitos com a multiplicidade de fontes étnicas que nos caracterizam.

De modo geral, as produções não retratam de forma equitativa a realidade da formação do povo brasileiro. Quanto aos efeitos, quando atrizes negras e atores negros (que já não são tantos), ao atuar, reproduzem estereótipos, é extremamente danoso porque são situações que induzem à autorrejeição entre a população negra que, paulatinamente, passa a internalizar imagens negativas de si mesma.

[...] Sou branco, casado com uma negra. Minha filha mais velha é mulata de cabelos crespos... completamente complexada pelo fato de ser negra. Como conseguir convencer uma adolescente negra, filha de um branco, que ela é bonita? Quando ela vê propagandas – televisivas ou impressas – só aparecem brancos e brancos bonitos, ressaltando uma possível inferioridade de sua beleza (MUNIZ SODRE apud BORGES, 2012)

As mídias não querem se comprometer com a afirmação da diversidade cultural brasileira. Até porque quem comanda as produções, quem financia é uma elite branca, convencida de seus privilégios e de seus pendoros civilizatórios em relação aos presumidos bárbaros e selvagens. Estes, pela ênfase ao contraste, são por outro lado, necessários à subalternização que mantém o status quo tanto de uns quanto de outros. O racismo se perpetua e a branquitude se afirma como padrão estético audiovisual brasileiro.

Dessa maneira, essa experiência sugerida em minha proposta objetivou abrir outros horizontes frente a reprodução desse discurso social elitista e segregacionista. Serviu como uma intervenção em favor dos desfavorecidos, na medida em que viabilizou o confronto com experiências em que o negro é efetivamente protagonista, abrindo dessa forma, a possibilidade do subalternizado se enxergar de maneira positiva.

É notório o quanto é cristalizada a questão do preconceito e da discriminação, sobretudo no que tange à convivência das instituições, cuja função deveria ser o combate, ou ainda, a conscientização.

[...]os aparelhos de reprodução ideológica e instituições tais como a escola, a Igreja e a própria família, passam a reproduzir a ideologia do dominador, apresentando como único padrão aceito de beleza, inteligência, bondade e perfeição, o modelo branco europeu, sua cultura e seus valores. (SILVA, 2002:17)

Por razões históricas, temos a tendência de homogeneizar culturas e etnias e as classificamos no singular: “cultura negra”, “etnia branca” etc., remetendo-nos à mesma

categorização e hierarquização implementada pelo uso equivocado dos mitos fomentados pelo processo histórico de racialização das diferenças e que têm sido contemporaneamente questionados (sobretudo pelas ciências sociais e por ramos da pesquisa genética).

Especificamente no caso brasileiro, em razão da longa vigência de escravismo e colonialismo, tal processo engendrou um racismo peculiar, assentado mais na cor da pele e outros atributos da aparência (morfobiológicos) do que propriamente na ancestralidade (origem) dos indivíduos, o que dá margem a uma série de equívocos: por exemplo: não há *uma cultura negra* e sim aspectos culturais desenvolvidos por populações negras tão amplamente diversas e diversificadas que, a despeito de algumas (ou muitas) consonâncias não deveriam ser referidas de maneira tão simplista e generalizadora.

Porém, há um legado de discriminação e preconceito pautados pela cor. Sendo assim, justifica-se politicamente, a articulação e a mobilização em torno do que convencionou-se chamar de *identidade negra*, no sentido da busca por melhoria das condições que desfavorecem o conjunto das populações negras no Brasil, em prol de transformações na realidade do negro (ou afrodescendente), rompendo com o mito da mestiçagem e da democracia racial, que servem para camuflar preconceitos e exclusões.

Em suma, o que se coloca como desafio é a desconstrução do texto racial do currículo. Como fazê-lo, se nos corredores ouvimos educadores referirem-se aos alunos negros como “moreninhos” ou “mulatinhos”? É inevitável a reprodução do discurso da cultura dominante, já que a escola tem sido ainda um local mais de reprodução do que de fetivo questionamento e transformação de estereótipos e estigmas associados à cor e à origem. Reforça-se deste modo, aquilo que a sociedade espera e acredita: o negro subserviente, nos locais reservados para ele (geralmente subempregado e com baixa instrução escolar).

Um recurso bastante eficaz, não apenas para a sensibilização, mas também para contribuir para a mudança de paradigma referente à invisibilidade do negro, é o uso de produções cinematográficas como aparato metodológico, utilizado com o intuito de refutar e desfazer estereótipos “normalizados”, de maneira equivocada e inconsequente, com danos para aqueles que não se enxergam nas realidades apresentadas.

Os alunos negros não se sentem representados nas diferentes mídias e programas hoje veiculados nos meios de comunicação, que insistem em registrar o negro como serviçais, ignorantes, desprovidos de inteligência e de bom senso, hipersecualizados etc. haja vista programas como *Zorra Total*, telenovelas (“*Da cor do pecado*”) ou seriados (“*Sexo e as Negas*”).

1.3 Objetivos gerais:

Explorar por meio do cinema as raras possibilidades (para a faixa etária de 9 a 10 anos) de transformar a educação, sinaliza possibilidades de contribuição para uma elevação da autoestima, e conseqüentemente, uma aceitação, reconhecimento e orgulho da condição negra de grande parte dos alunos. Ao veicular filmes com protagonistas negros, busquei situações com as quais as crianças pudessem se identificar, querer imitar, se transportar para aquele lugar imaginário no mundo infantil.

A indústria cinematográfica tem um público alvo, e é a ele que quer agradar/atingir. Partindo do pressuposto de que o público negro vem crescendo, e também consome, também escolhe, e também pretende ser retratado com dignidade nas telas, há um crescente número de seriados norte-americanos que de algum modo, atendem essa parcela da população, dos quais podemos citar:

- “*Eu a patroa e as crianças*” (2001),
- “*As visões da Raven*” (2003),
- “*Um maluco no pedaço*” (1990),
- “*Cory na Casa Branca*” (2007),
- “*Kenan e Kel*” (1996) e
- “*Todo mundo odeia o Chris*” (2005).

Segundo Inês Teixeira (2006b), o exercício da docência envolve escolhas, e antes de tudo é necessário que haja uma relação entre os sujeitos envolvidos docentes e discentes. Na relação que instaura a docência, estão postas questões pertinentes às identidades sociais, a possibilidade de se construírem experiências. É uma relação com forte compromisso e envolvimento com os destinos e enredos humanos.

A escolha dos filmes é perpassada por uma escolha ética e política. Dos títulos citados acima, o seriado “*Todo Mundo Odeia o Chris*” é tido como preconceituoso e racista por alguns, e ainda inovador, divertido e crítico por outros.

E há uma linha tênue que separa as duas opiniões. Mas usaremos alguns episódios para analisar algumas cenas, condutas e expressões racistas, tratadas sob o prisma de uma criança negra.

Moveu-me a possibilidade de avaliar o olhar e as impressões deste protagonista (Chris, alter ego do idealizador: o afro-americano Chris Rock³) acerca de si mesmo em sua família, em sua escola e no bairro em que vive. A escolha deste segmento de mídia, se deu pela ausência nestas circunstâncias, de um filme que trate a temática de forma clara, pertinente e com humor.

O filme *Tainá*, também foi uma escolha, posto que traz como protagonista uma criança indígena, permitindo assim, observar a diversidade sob outros parâmetros, oportunizando compreender peculiaridades inerentes às culturas indígenas, igualmente desqualificadas pelo modelo eurocêntrico de humanidade.

Tainá deste modo, simboliza outros saberes, associados às cosmovisões indígenas e portanto, a outras maneiras para se enxergar a natureza, o sagrado, noções de vida, de morte, enfim: pode-se ter acesso a uma criança indígena, seu olhar, o conhecimento da natureza que a cerca, o respeito a seu habitat.

Nas artes visuais em geral e neste caso particular, nas mídias e no cinema, a criança negra é invisível ou quando contemplada, isso se dá por meio do branqueamento físico ou cultural, de personagens que são retratados de forma envergonhada, intimidada e muitas vezes, de forma estigmatizada: como pobres, adotados, marginalizados, delinquentes ou deslocados.

Se como defende Teixeira (2006), *“No cinema estão os tempos e os gestos da infância e o silêncio da infância, então ousa acrescentar que neste cinema a que estão expostas nossas crianças, majoritariamente negras e no qual não tem sido possível a identificação ou reconhecimento de maneira positiva, produz-se um fortalecimento de sentimentos de ignorância a respeito de si (e dos seus) e conseqüentemente, de rejeição e auto-aversão.*

Quando afirmo que nossas crianças são em sua maioria negras, cabe uma nota de esclarecimento a respeito dos sistemas de classificação racial no Brasil:

O IBGE trabalha então com o que se chama de "quesito cor", ou seja, a "cor da pele", conforme as seguintes categorias: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Indígena, teoricamente, cabe em amarelos (populações de origem asiática, historicamente catalogados como de cor amarela), todavia, no caso brasileiro, dada a história de dizimação dos povos indígenas, é essencial saber a dinâmica demográfica deles. Um outro dado que merece destaque é que a população negra, para a demografia, é o somatório de preto + pardo. [...]De acordo com a convenção do IBGE, portanto, negro é quem se autodeclara preto ou pardo. Embora a ancestralidade determine a condição biológica com a

³ Christopher Julius Rock III é um comediante, ator, roteirista e cineasta estadunidense, vencedor de quatro Prêmios Emmy, celebrado por ser criador e narrar sua própria história no seriado *Everybody Hates Chris* (Todo Mundo Odeia o Chris).

qual nascemos, há toda uma produção social, cultural e política da identidade racial/étnica no Brasil. (OLIVEIRA, 2004:58)

É neste cinema que queremos imaginar uma fada negra, um super herói negro, um príncipe negro, uma princesa negra. O negro precisa descer dos morros; não há demérito nenhum em estar lá. Credenciar o negro e a negritude à humanidade não pode circunscrevê-lo a algumas atividades (gingar capoeira, tocar pandeiro, cavaquinho, pagode etc.) enquanto lhe interdita outras (dançar ballet, tocar violino, piano etc.). Representar por exemplo, além da polícia e o ladrão, também o juiz e o médico, a empregada, a patroa. Só assim sairemos dos estereótipos impregnados e cristalizados.

Uma outra possibilidade interessante para trabalhar com essa questão afigurou-se com o filme “*Kiriku e a Feiticeira*” (1998):

Essa é a história de um herói muito pequenino que consegue vencer uma malvada feiticeira que, com seus poderes supostamente mágicos, dominava toda uma aldeia, trazendo intenso sofrimento ao seu povo. [...] Talvez as histórias sirvam para curar nossos males interiores e tornar o mundo um lugar melhor para se viver. [...] Kirikou pode ser visto como um mito. (SOUZA, 2014)

De forma incomum, considerando tratar-se de uma produção ocidental, a história narrada evoca personagens, situações e ambientes africanos sem ratificar estereótipos ou estigmas. As fases da vida (nascimento, infância, maturidade, velhice e morte) não são contempladas como hierarquias fixas e imutáveis, assim como a reflexão sobre o belo, o bom e o verdadeiro é redimensionada à luz de perspectivas outras que não meramente asocidentais.

Além disso, por meio desta obra é possível creditar ao continente africano, seus habitantes e culturas pendores intelectuais e civilizatórios tão importantes para a humanidade como um todo, tais como aqueles a que convencionamos tratar por *universais*, ainda que de fato, não o sejam (pois também foram criados por povos e culturas particulares em contextos particulares antes de serem tratados como postulados universais de conduta e moralidade).

Acredito que buscar opções no cinema, em que a figura negra atua como senhor de si, assume postos de comando, mostra sua capacidade intelectual a serviço do bem, fará com que nossas crianças negras ou não, percebam com naturalidade as diferentes possibilidades neste mundo globalizado.

1.4 Relevância da proposta:

Nas rodas de conversa iniciais, pude perceber no grupo como um todo, uma negação da negritude presente na turma em maior ou menor grau.

A palavra “negro” era substituída frequentemente por “moreninho” ou “escurinho”. Quando perguntei quantos da turma se consideravam negros, ninguém levantou a mão. Então questionei: E eu? (negra, assumida, cabelos naturais). Ao que responderam: *“Nãããã professora, você é morena! Você é bonita.”*

Então notei que achavam a relação entre beleza, negritude e inteligência incompatíveis. Nesse contexto pensei, o projeto seria bastante relevante no que tange à desconstrução da imagem negativa associada ao negro no Brasil.

Sobretudo em função da predominância na turma de indivíduos de perfil étnico-racial não branco, torna-se preocupante associação tão irrefletida e conseqüentemente nociva para a construção de uma identidade positiva e consciente de suas especificidades nas interações com os outros grupos.

Não há como negar a grande diversidade dos grupos humanos e, por conseguinte, não há como negar as diferenças que caracterizam a homogeneização de todos eles, usando argumentos que se inclinam a ideia de uma falsa igualdade entre todos. Não há como desconsiderar os saberes tradicionais e explicações do mundo de cada cultura, somente pelo fato de se distanciar das verdades padronizadas e aceitas e os impérios econômicos, políticos e ideológicos que subvencionam, conformam e deforma. Essa perspectiva, iluminista acaba por descaracterizar a diferença, numa imposição de padrões estéticos, políticos, religiosos, e econômicos, educacionais a partir de concepção de grupos que se pretendem hegemônicos (TEIXEIRA, 2006)

O público atendido na Escola Municipal Professor Moacyr Andrade, é um público de baixa renda e a despeito da recorrente associação entre pobreza, favelas e criminalidade, trata-se de uma área de baixo risco, apesar dos níveis crescentes de criminalidade, sobretudo ligados a fatores que não podem ser atribuídos exclusivamente à pobreza: consumo (e conseqüentemente tráfico) de entorpecentes e substâncias ilícitas, delinquência oriunda da falta de oportunidades no mercado formal e de uma cultura discriminatória e excludente, muitas vezes ratificada pela própria escola, pelas mídias e demais instituições, como já mencionei anteriormente.

A escola foi inaugurada no dia 28 de outubro de 1986, e completou vinte oito anos de existência. A princípio a escola atendia alunos de primeira a quarta series, somente com doze

salas. Aos poucos foi ampliando para melhor atender à demanda. Atualmente, a escola conta com 18 salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de ciências, um laboratório de informática equipado com computadores em pleno funcionamento, uma sala de alfabetização, duas quadras, sendo uma coberta, uma cantina e uma sala de mecanografia.

Hoje, a escola funciona com três turnos, atendendo alunos do primeiro ao terceiro ciclo somando um total de 1.300 alunos.

A primeira diretora da escola, designada pelo então prefeito Sérgio Ferrara, foi Márcia Melo Silva, e a vice Rosalva. A partir do ano de 1989, foi instalado o processo eleitoral na escola, e desde então, a comunidade escolar passou a eleger a direção da escola. Atualmente, a diretora é Maria Cleuza Soares Barros, e o vice Nelson de Souza Silva.

Durante o ano todo, a escola realiza projetos e como a história da escola está em construção, muitos projetos surgiram para satisfazer as necessidades escolares.

Assim sendo, sendo a Escola Professor Moacyr Andrade um espaço aberto à cultura e ao aprendizado, busco neste trabalho incorporar a questão étnico-racial a novas metodologias e tecnologias de ensino-aprendizagem (mídias, cinema, artes visuais).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Contextualização do campo de pesquisa:

A Escola Municipal Professor Moacyr Andrade, fica situada no Bairro Vila Santa Branca, região de Venda Nova. No bairro Vila Santa Branca, as ruas são asfaltadas e os comércios locais são de pequeno porte. O bairro não oferece muito lazer, há um campo, onde a comunidade assiste aos jogos nos finais de semana e uma praça para as crianças brincarem. A escola possui o projeto Escola Aberta e os frequentadores são os alunos e a comunidade. Quando a escola promove alguma atividade aos sábados, todos participam ativamente, pois, muitas vezes, esse será um dos poucos momentos de lazer nos finais de semana.

Em termos físicos, a escola possui 18 salas de aula, que são arejadas e limpas, sendo que todas possuem quadro branco, as carteiras estão em perfeitas condições de uso e limpas, possuem mesa e cadeira para o professor, bem como receberam armários de alvenaria que são muito mais espaçosos e seguros que os de aço.

Na sala da coordenação ficam materiais como aparelho de som para empréstimo e materiais de uso pessoal, como lápis de cor, cola, revolver de cola quente, lápis e etc. Há o almoxarifado onde ficam guardados outros materiais como papéis, material de Educação Física e materiais utilizados em apresentações.

Quando há necessidade de algum material que a escola não tenha, é feita uma requisição e o material é providenciado. A escola possui verbas para esse destino. Todos os alunos recebem no início do ano um *Kit* escolar da Prefeitura, que vem com praticamente todo material necessário. A mecanografia é bem equipada com máquina de xerox e Copiadora.

A Secretaria da escola atende nos 3 turnos.

A escola possui uma biblioteca, batizada como Biblioteca Monteiro Lobato, esta é bem organizada, possui um grande número de livros, tanto infantis, quanto de pesquisas, didáticos etc. Para o turno da tarde, é feito um horário, e alunos vão à biblioteca de 15 em 15 dias, ouvem histórias e fazem empréstimos de livros, estes são devolvidos na semana seguinte a do empréstimo.

O laboratório de Informática possui computadores, e cada turma tem um horário semanal agendado. Os alunos têm acesso à internet, onde podem fazer pesquisas e trabalhos. O laboratório também atende à comunidade nos horários vagos.

A cantina sempre está muito limpa, os alunos recebem uma merenda balanceada e nutritiva. A escola possui bebedouros com água tratada e para uso dos alunos.

Os banheiros dos alunos são limpos e estão em boas condições de uso. A escola possui um único banheiro para uso dos professores, o que ocasiona filas e insatisfação destes.

A sala dos professores comporta armários individuais, 3 computadores para uso destes, uma geladeira e uma mesa para uso de todos. Na sala tem um quadro onde fica afixado o Calendário escolar, as datas importantes, como os aniversariantes do mês, cursos, movimentos do sindicato, cronogramas, etc.

A escola ganhou no ano de 2006, um auditório, com espaço para comportar 200 alunos. Esse espaço é utilizado para apresentações como peças teatrais, finalizações de projetos, veiculação de filmes e para reuniões. A escola possui uma sala de Alfabetização, que é usada para o projeto de reforço escolar que acontece no turno e extra-turno.

É uma escola bonita e espaçosa, possui uma quadra coberta, uma descoberta, além da quadra de peteca, pátio, que é descoberto. No pátio há mesas e bancos que podem ser usados para alunos de arte, momentos de leitura e aulas com jogos. Há árvores e plantas que são cuidadas pelos próprios alunos. As lixeiras são distribuídas por toda a escola para facilitar o seu uso. A escola tem um projeto de futebol, que funciona como escolinha, onde os alunos que sobressaem são convidados a participar.

2.2 Perfil da turma

Trata-se de uma turma de 4º. ano, composta por 30 alunos, sendo 16 meninos e 14 meninas com idades que variam dos 8 aos 11 anos, e idade média de 9 anos.

É uma turma heterogênea quanto aos níveis de aprendizagem. A grande maioria lê e escreve com relativa autonomia. Leem, interpretam e nas atividades propostas demonstram um espírito de solidariedade, pois se ajudam mutuamente. Interagem bem, compreendem os comandos, colaboram com a organização e conservação da sala de aula e demais espaços coletivos.

São bastante assíduos, em geral justificam as eventuais ausências. Os que mais necessitam, estão matriculados nos Projetos de Intervenção Pedagógica, e estes mesmos alunos já sinalizam alguns avanços significativos. São responsáveis, respeitosos, falantes. Sabem argumentar e pleitear os próprios direitos.

2.3 Metodologia:

Dentre as estratégias utilizadas para sensibilizar o grupo, o ponto de partida foi a



FIGURA 1 – Imagem da turma assistindo a projeção de filmes no auditório da escola. Créditos: Cláudia Soyombo

projeção dos filmes previamente selecionados e alguns episódios da série: “*Todo Mundo Odeia o Chris*” (2005), com o intuito de direcionar o olhar para atuação do negro como protagonista.

Neste caso, o ver, rever, questionar, aprender, reaprender, construir, desconstruir; serão exercitados em grupo, na roda de conversa, nos relatos, nos desenhos propostos para antes e depois da veiculação do filme.

Pretendeu-se educar esses olhares para sairmos da superficialidade da imagem. Sairmos do senso comum de rotular o “*Todo*

Mundo Odeia o Chris” de racista, por exemplo.

Como diz Adriana Fresquet⁴, pode-se ocultar, rebelar para desconstruir. Neste caso, tratou-se de desconstruir a homogeneização que desconsidera o outro, que coloca o grupo dominante em lugares de destaque e diminui o *diferente*, colocado sempre em papéis secundários, obscuros, marginalizados...

A escola não deve servir apenas como espaço de reprodução da ideologia dominante como já fora denunciado por Pierre Bordieu e Claude Passeron, nas décadas de 1960 e 1970, na França onde as teorias acerca do paradigma da reprodução ganharam força.

Dessa forma caberá ao professor cumprir seu papel de mediador das culturas na escola, como defende o professor Dr. João Valdir Alves de Souza⁵, porém esta atitude não deve e não pode significar uma invasão nas escolhas das crianças. Neste caso a proposta e

4 Uma das profissionais convidadas para o curso do LASEB, ministrou a disciplina Cinema na escola: concepções, experiências e metodologias.

5 Professor do curso do LASEB. Ministrou a disciplina: Fundamentos Históricos e socioantropológicos da Educação.

mediar, sugerir, e propor um outro olhar acerca do que está posto. Refletir, pensar, articular e dissecar cenas que poderiam passar despercebidas.

2.4 A escolha dos filmes:

- ***KIRIKU e a Feiticeira***: A escolha desse filme, que é unanimidade no tema/assunto, se deu, pois, retrata uma lenda africana. É possível de forma subjetiva “beber da fonte da mãe África”, que produz um herói. Ele é esperto, inteligente, dotado de graça, e realiza atos heroicos.
- ***Tainá, uma aventura na Amazônia***: Retrata a história de uma indiazinha órfã que aprendeu com o avo TIGE os segredos da floresta, as lendas e histórias de seu povo. Tainá protege a selva, defende os animais das garras de um traficante etc. o filme possibilita um olhar de respeito e fascínio pela cultura indígena, as crianças se empolgarão com a aventura.
- ***HANCOCK***: É um filme americano de ação/ comedia baseado num personagem da DC Comics, protagonizado por Will Smith. Ele é incrível, com super poderes, porem diferentemente dos demais heróis das histórias em quadrinhos, ele tem alguns problemas com a bebida. Porém um agente de relações públicas fica grato por ter sido salvo por Hancock e decide mudar radicalmente o visual desse super herói, para que o mesmo seja aceito socialmente.
A escolha desse filme, se deu, para que num exercício anterior à veiculação do filme todos fizessem uma lista individual das características de um Super Herói, e desenhassem um. Após assistirmos o filme, pedir que as crianças desenhem o personagem do filme que mais gostaram (espera-se que desenhem o Hancock), e comparem com o desenho feito anteriormente. A partir desse exercício simples, abrir um debate sobre a quantidade de super heróis que conhecemos e quantos soa negros? E por que o Hancock também teve (ainda que à princípio) sua imagem aliada ao bêbado, abandonado? Porque suas boas características estavam encobertas?
- ***Karate Kid***: É um remake do filme original de 1984, e que nesta nova roupagem traz o jovem negro Jaden Smith como protagonista. O fato de retratar uma criança negra, que

se muda para Pequim em decorrência da carreira de sua mãe. Aborda um negro de classe média que sofre discriminação por estar morando num lugar com hábitos, costumes e cultura totalmente diferentes de sua terra natal. Um mestre do Kung Fu ensinará mais do que socos e defesa pessoal ao garoto. O mestre ensinara sobre a vida e autoconhecimento.

- **Episódios da série *Todo Mundo Odeia o Chris*:** O enredo da série foi baseado na infância e adolescência de Chris Rock, comediante ator americano criador, produtor e narrador da série. Nas situações corriqueiras do cotidiano, o adolescente retrata as constantes situações constrangedoras e racistas pelas quais passa.

A história é narrada com um bom humor e muitas vezes um exagero nas quais ele mistura o pensamento (narrado) e a realidade. “O sonhar acordado” é constante. Aborda com crítica e ironia as falas carregadas de preconceito da professora Morello (“Claro Chris, eu entendo que sua mãe seja alcoólica e você nem conhece seu pai”). Isso dito com uma voz de piedade e carinho. Claro, é a forma como se cristalizou a infância de um jovem negro que mora na periferia de Nova Iorque. Vale ver, rever, descobrir, para pensar e repensar.

2.5 – Proposta de trabalho:

- Observar a postura das crianças ao assistirem os filmes
- Provocar, questionar, confrontar, sugerir, fazer leitura de imagens, de cenas, comparar, descrever situações, o que sentiram? Qual parte te emocionou? Sentiu raiva? O que você faria no lugar dele?
- Como você imaginava a África? Ele (o Kiriku) é esperto? Inteligente? Bonito? Qual qualidade mais importante para enfrentar a feiticeira? Coragem? Inteligência?
- Onde “Hancock” se passa? Quais as características dele? Quais as características físicas e psicológicas de Hancock? (No pré-teste, pedir que desenhem um super herói). E no pós filme, pedir que desenhem o Hancock. Pedir que comparem com o desenho feito anteriormente. Quais as semelhanças? E quais as diferenças?
- Tainá é uma produção brasileira/nacional? Como podemos perceber? Ou afirmar? Quais indícios nos permitem perceber que o filme é nacional? Listar coletivamente. Qual a trilha sonora? Quais características e qualidades da protagonista? Você poderia

imaginar uma jovem índia tão destemida? Ela é esperta, conhece coisas que desconhecemos. Não sabe ler ou escrever e detém muitos conhecimentos. Com quem aprendeu? Vive de maneira diferente em total sintonia e harmonia com a natureza/ tem muito a nos ensinar.

- No Karate Kid como é o protagonista? Como é o cabelo dele? (trancinhas coladinhas na cabeça). Listar os sentimentos negativos do jovem: medo, insegurança, raiva... Quem o ajudou? Como venceu ou como alterou tais sentimentos? Na outra versão, o personagem principal era um garoto branco. O fato de este ser negro altera o enredo ou o entendimento da história? Mostrar trechos do filme original (1984).
- No seriado todo mundo odeia o Chris, questionar a postura de Chris na família, será que de fato era da forma como ele conta ou esta era uma visão dele acerca dos fatos? Como a professora Morello age em relação à Chris? O que ela pensa acerca dos negros é generalizado? O que ela pensa sobre o Chris? Quem é o narrador? Porque ele faz piada da própria condição? Ele exagera? O seriado reforça o preconceito? Ou é um crítica acerca da situação? Quem já passou por situações semelhantes àquelas vividas por Chris? É constrangedor notar os excessos e situações altamente racistas? Por que será que a mãe, Rochelle escolheu para o filho uma “escola de brancos”? Chris tem uma família estruturada: um pai trabalhador e de seu modo amoroso, conselheiro, mãe que faz questão de uma educação de qualidade, autoritária e agregadora, o Drew irmão mais novo, porém mais alto, e aos olhos do Chris bem resolvido e sortudo com as meninas, e finalmente Tônia irmã caçula e mimada. E esta família é a base da formação moral e ética do Chris, que “apesar” de negra, é um tanto quanto “normal”.

3. DESENVOLVIMENTO

O cronograma inicial previa a veiculação dos filmes no mês de setembro, porém o auditório da escola estava em reformas, com entrega prevista para meados de outubro.

O mês de outubro é um mês atípico, pois temos o período do recesso oficial previsto em Calendário, a Semana do Professor que neste ano foi de 12 a 19 de outubro. Dessa forma, a semana anterior à esta, comemoramos a semana da criança, com brinquedões, cama elástica, teatro, shows, enfim atividades recreativas e festividades.

Assim sendo, agendei os filmes para a primeira quinzena de novembro. Aqui é válido lembrar, o quanto é complicado propor atividades que fujam da norma padrão. Muitas vezes seus pares passam a criticar e não é raro ouvir comentários do tipo:

_Vai passar um filminho? É bom pra descansar um pouco, né?

_Quando você for, leva a minha turma! Eles são bonzinhos.

_Que dia você vai pro auditório? Ai, já sei, aquela encheção de saco (SIC) do TCC né? Esse povo da UFMG pensa que não temos que trabalhar, né?

_Além das coisas que a gente tem prá fazer, você ainda tem que passar esses filminhos?

Enfim, na medida do possível, ia esclarecendo meus pares e respondendo às críticas e questionamentos sem passar a ideia com pedantismo, um ar blasé.

“Não! Eu abracei a ideia, e o projeto faz parte do trabalho pedagógico que acredito e vou desenvolver”. “Os filmes têm a ver com o meu trabalho em sala de aula e posso futuramente compartilhar com vocês as ideias, objetivos”. ” Não! Não acho chato, e não considero um trabalho menor, a aprendizagem ocorre em todos os ambientes e podemos utilizar as inúmeras ferramentas. ”, foram algumas das respostas que dei aos meus colegas.

Quanto à disponibilização do auditório, foi necessário entregar previamente à Coordenação o Plano de Trabalho e justificativas. O fato de se tratar de um programa da Prefeitura Municipal em parceria com a UFMG facilitou o acesso às dependências. A coordenadora Rose se mostrou uma parceira do projeto, pois assim que terminaram as obras de reforma do auditório, priorizou o agendamento das datas para a exibição dos filmes, visto que, já estávamos muito atrasados em relação ao cronograma que previa para setembro a conclusão desta etapa.

Em rodas de conversas com os alunos já havíamos conversado acerca dessa invisibilidade do negro no cinema e as crianças estavam ansiosas para que as sessões começassem. Achei justo redefinir com os alunos três dos cinco filmes previamente

selecionados, por conta do tempo. Quase que por unanimidade excluíram *Tainá, uma aventura na Amazônia* (Tânia Lamarca, 2000) e *Kiriku e a Feiticeira* (Michel Ocelot, 1998). Quando questionei, justificaram que era porque já tinham visto estes dois títulos. Lancei para os alunos a seguinte questão: O *Tainá, uma aventura na Amazônia* foi exibido neste ano, por ocasião da Semana do Índio, e de fato já havíamos trabalhado a temática que previa a valorização da cultura indígena com foco nos diferentes saberes, inerentes a cada cultura. _O que vocês perceberam no *Tainá*?

Eles responderam:

_Ela e o povo dela sabem ouvir a natureza! Percebem coisas que a gente nem nota.

_ A *Tainá* “comanda” os animais.

Achei interessante o termo “comanda” e perguntei: “como assim? ” E obtive a resposta:

_Como ela respeita os animais, ela consegue olhar dentro deles, é como uma espécie de hipnotização (SIC), então os bichos acabavam ordenando a vontade dela.

Então alguém completou:

_Isso! E como ela protege os animais, eles (os animais) protegem ela de volta.

O que mais o filme retrata?

_ O modo de vida mais simples dos índios... eles sabem fazer seus próprios remédios, usam as plantas... eles sabem de muita coisa!

_É! Sabem fazer tintas!

A conversa seguiu muito produtiva. Os alunos destacavam que *Tainá* é inteligente, bonita, caça e pesca somente para subsistência e nunca pensa em acumular para enriquecimento pessoal. Achei interessante, porque foram conceitos debatidos no mês de abril, e fiquei gratamente surpresa ao perceber que o grupo internalizou e aprendeu de fato.

Cláudia: _E o “*KIRIKU*”? (Tentei suggestioná-los para não excluí-lo e eles responderam que quase todos os anos desde a UMEI eles assistiram ao “*KIRIKU*”. Muitos viram mais de duas vezes.)

Cláudia: _Então? Me contém o que acharam do filme? Se lembram ainda?

As respostas variaram de “ muito chato! ” Ao “adorei! ” “Achei o máximo! ”

Pedi que me contassem (pois não me lembrava)

Cláudia: _Por que chato, Matheus?

_Ah professora, muito parado! Bobinho, pra criança só!

Eu retruquei que talvez ele achasse bobinho, por que ele estava se sentindo grande em relação à época que viu e perguntei quem mais não havia gostado.

_Ah eu até gostei, mas ninguém nasce andando e falando que nem ele!

Cláudia: _Mas tudo que vemos nos filmes acontece de fato? E os super poderes dos super heróis?

_Ah mas ai já é diferente né?

Claudia: _Será? Agora quero a fala de quem gostou:

_Ele é inteligente e engraçado

_Vence a feiticeira e salva a aldeia!

Nesse momento, tomo uma decisão: o filme *KIRIKU* será exibido na 2ª quinzena de dezembro, e ainda que não conste da primeira versão de relatos, poderá (e deverá) fazer parte do trabalho final.

*Na verdade, quando optei pela inclusão do filme *Kiriku*, foi porque imaginei que desta vez eles poderiam rever com um olhar mais crítico, notando a grandeza do personagem central e toda a temática já previamente abordada, de um protagonista negro.

O primeiro filme veiculado foram episódios do seriado *Todo Mundo Odeia o Chris* (Andrew Orenstein, 2005).

Os alunos já conheciam todos os episódios, mas diferente de *Kiriku e a Feiticeira*, não questionaram o fato de já conhecerem a série. No dia da exibição, entraram eufóricos no auditório e durante a projeção conversaram entre si, comentaram cenas.

- ***Todo Mundo Odeia ameaças de Bomba***

Após receber um castigo de decorar e apresentar um discurso de um presidente na aula de História, Chris decide espalhar a notícia de uma bomba na escola para atrasar sua apresentação.

Os comentários foram variados:

Ele vai se dar mal

_É, ele sempre se ferra

_ Coitado

_Não! Isso que é engraçado

_Acho o Greg um bom amigo

_Tipo eu e você!

_É, só que eu não sou negro!

_Mas a gente é amigo igual eles!

_Então é tipo o Guilherme e o Marcos

_Que é que tem eu aí? (O Guilherme questionando ao ouvir o próprio nome no comentário)

_É que a amizade deles aí é igual você e o Marcos.

Os meninos dão risada. Há uma camaradagem. Interessante é que o Guilherme, no início do ano quando eu perguntei quem se considerava negro, ele não levantou a mão e disse: “Eu sou moreno! Tô assim dessa cor por causa do sol...” Muitos alunos naquela abordagem negaram a própria negritude. E agora, posso perceber nitidamente que não há desconforto perante os comentários dos colegas.

Continuaram assistindo e comentando.

Na cena em que Chris finalmente é arguido pelo professor se realmente tinha decorado o discurso e o professor simplesmente se contenta com um ”sim”, Chris fica surpreso e revoltado, pois tem o discurso na ponta da língua. Os alunos xingaram o professor:

_Que cara chato!

_Ele só queria perseguir o Chris

_Bem feito prá ele (o professor) o Chris foi falando atrás dele (Risos)

De volta à sala, todos tinham muitas coisas à perguntar.

Eu também queria colocar algumas considerações:

Cláudia: _Quem é o personagem principal!?

João: _O Chris claro!

Mariana: _Acho que o Chris e a família dele!

Marcos: _ Não! O nome é *Todo Mundo Odeia o Chris* então é ele mesmo!

Cláudia: _Vocês acham que o seriado reforça o racismo?

João: _ Acho! Ele sempre se dá mal.

Rychard: _ Mas e daí? Ele é do bem!

Júlia: _ O que adianta ele ser do bem e ser zoadado toda hora?

M^a Clara: _Mas se a gente assiste, a gente aprende que essa zoeira magoa!

João: _ Tem hora que eles exageram, só prá ficar engraçado mesmo.

Eu: _ E talvez seja o “olhar” do Chris para a situação! Foi ele quem escreveu. São as memórias do comediante Chris Rock.

Julielen: _ Parece que lá (nos EUA) as pessoas são mais preconceituosas. Tem escola de brancos e escola de pretos? Aí já começa o racismo.

Nataly: _ E tem hora que a professora Morello já vai achando que ele é o coitadinho e tals (SIC).

Lúbia: _ É mesmo! Lembra aquele (episódio) da cesta de Natal para uma família necessitada?

Nataly: _ É ... ela já vai logo achando que o Chris é pobrinho. Eu não gosto disso. (SIC)

Cláudia: _ Disso o quê, Nataly?

Nataly: _ Só porque ele é negro já vai achando essas coisas!

Cláudia: _ Pois é! Geralmente generalizam. Os negros são vistos como bandidos, família desestruturada, pai alcoólatra, mãe drogada...

Diogo: _ E na verdade nem é, né, prô?

Cláudia: _ Não. E a grande crítica do seriado é fazer piada com os pré-conceitos

João: _ A família do Chris é normal. A mãe dele é brava mas é engraçada. Parece a professora (risada geral)

Cláudia: _ Vocês não são os primeiros a me compararem com a Rochelle! Em algumas situações até eu me acho um pouco parecida com ela sim. Mas voltando ao episódio, este foi um dos últimos episódios da série. O que vocês acham disso?

Lúbia: _ Uma pena! Era tão legal. Todo mundo gosta.

Cláudia: _ E a série passa uma mensagem positiva?

Rychard: _ Claro, ele é feliz! Apesar de tudo, a família dele é bem legal!

Mariana: _ Tirando a chata da Tônia

Yasmin: _ É mesmo, ela é muito manhosa.

Rian: _ Mas o pai dela protege ela demais!

Mariana: _ Por isso ela é assim!

Yasmin: _ Mas teve um dia que ela cortou o cabelo da boneca e ia botar a culpa no Chris. Só que ela ouviu a porta abrir, achou que era o Chris chegando e cortou tudo... Mas não era. (Risos)

Lúbia: _ A mãe dele chamou ela pra conversar

Yngris: _ Que conversar que nada! Ela levou uns tabefes

Mariana: _ Levou nada! Ela nunca apanha!

Após a conversa, pedi que desenhassem os personagens e escrevessem um pouco sobre cada um.



FIGURA 2 – Ilustração de autoria do aluno Kaique, representando sua impressão da família de Chris antes do debate proposto em sala.

O resultado foi fabuloso. Mas enquanto desenhavam, iam discutindo, conversando, trocando informações.

Num dos grupos, o aluno Kaique desenhou a família do Chris e coloriu com o lápis cor preto. Um dos componentes do grupo questionou:

André: _ Credo! Eu não sou assim! Tudo preto cara?

Kaique: _ Mas é só um desenho! Eu também não sou branco e as pessoas falam branco!

André:_ Mas nos livros, brancos são pintados de bege, ou aquela cor lá meio rosa!

Kaique:_ O desenho é meu!

André: _ Mas o Chris nem ninguém é preto assim!

A esta altura da discussão outros entraram no meio e defenderam a ideia de que pegava mal colorir daquele jeito. Eu pedi o desenho. Kaique quis fazer outro. Fez e usou o lápis marrom para colorir.



FIGURA 3- Ilustração de autoria do aluno Kaique, representando sua impressão da família de Chris depois do debate proposto em sala.

Dentre as anotações nos desenhos, destacam-se as seguintes:

_Chris é um menino negro esperto e estudioso que sofre “Bullem” (SIC)

_Tônia é uma menina atentada que não respeita os pais nem os irmãos.

_Greg é um menino nerd, que seus pais se separaram. Ele é o melhor amigo de Chris.

O Dru (Drew) está quase sempre de jaqueta (?). Ele é o irmão mais novo do Chris, só que ele é mais alto.

_Rochelle é a mãe do Chris, da Tonya e do Dru, trabalha num salão de beleza.

_o Julius é o pai, dá bons conselhos pros filhos. É pão duro...

_ O Chris é um garoto de 14 anos que estuda na escola Corleone onde só tem alunos brancos.

_Caruzo é um garoto branco e gordo que tem inveja do Chris. Ele vive perseguindo o Chris

_Rochelle é uma mãe que defende seus filhos. Ela é exagerada.

_Chris é um adolescente negro que sofre “bulim” (SIC) na escola de brancos.

_Rochelle é a mãe, uma mulher rígida, mas boa mãe.

_O Dru é o irmão mais novo, mais alto, e mais confiante!

Dessa forma, assistir ao episódio, falar a respeito, comentar com criticidade, permitiu que as crianças percebessem a intenção da série, ou o que ela queria transmitir ao telespectador. É um desabafo, uma crítica ao sistema, de forma bem humorada, abordando situações rotineiras, que podem por vezes serem comparadas com situações da própria realidade dos meninos. A reflexão acerca do “sofrimento” do Chris, permite um olhar para os próprios atos desrespeitosos praticado entre os pares.

Essas dinâmicas provocam uma reflexão: “Com certas atitudes, atos, palavras eu posso magoar meu colega, ” “assim como o Chris, meu colega pode aparentar uma calma ou aceitação, mas internamente pode carregar algumas tristezas ou mágoas”.

Ver situações retratadas na tela gera reflexão e até um certo constrangimento ao se perceber executando coisas sem a intenção de magoar o outro, repensando certas práticas, como foi o caso do Kaique ao colorir de preto e marrom respectivamente.

- ***Karatê Kid (Harald Zwart, 2010)***

No dia 6 de novembro, descemos para o auditório para assistir *Karatê Kid* estrelado pelo ator mirim Jaden Smith.

As expectativas acerca desse filme eram muito boas. A grande maioria não havia visto, e aqueles que já tinham visto estavam eufóricas para rever. Já no auditório preencheram as duas primeiras fileiras.

Dre Parker (Jaden Smith) é um garoto de 12 anos que precisa se mudar de Detroit para China, por conta da carreira profissional da mãe. Lá se apaixona pela colega de sala e é algo dos brigões da escola. Devido às diferenças culturais, Dre é rejeitado pela comunidade local. Sem amigos, Dre recorre ao zelador do seu prédio, Mr Ham (Jackie Chan), que é na verdade um mestre de Kung Fu. No decorrer da história Mr. Ham ensina que a arte é muito mais que socos e habilidade, mas sim maturidade e calma.

O fato do protagonista estar na faixa etária dos meninos, possuir um linguajar característico dos jovens fez com que a turma assistisse sem muitos comentários. Não houve pedidos para ir ao banheiro ou beber água, comuns nessa turma.

Um momento que causou certo burburinho, foi a cena do beijo singelo e puro, diga-se de passagem, entre Dre e a colega pela qual se apaixona. Os alunos chegaram a aplaudir, deixando claro que estavam dentro da história, torcendo, se emocionando. Há cenas engraçadas também.

Faltando uns 3 minutos para o final do filme, bateu o sinal do recreio. Geralmente, eles saem correndo, mas desta vez não. Eu perguntei se eles queriam continuar após o

intervalo e ouvi um “não” em coro. Eles optaram por terminar o filme, mesmo que “perdessem” parte do recreio. O filme estava realmente no ponto alto. Seria o enfrentamento a luta final com os oponentes. Ele colocaria em prática todos os ensinamentos adquiridos até então. Estávamos todos apreensivos, quase ofegantes... Foi uma grata surpresa perceber que os meninos já estavam totalmente conectados com o filme, torcendo, vibrando, sentindo as fortes emoções que as cenas, com ajuda da trilha sonora, proporcionavam. Alguns chegaram às lágrimas (confesso que eu também), e saímos do auditório de alma lavada. É uma catarse, afinal o garoto sofreu maior parte do tempo longe de sua terra natal, sentindo-se um forasteiro... Com as dificuldades culturais, da língua, sem os amigos de Detroit, impossibilitado de extravasar suas emoções...

Aquela vitória, e a cena em que todos os lutadores da academia rival cumprimentam e reverenciam o Senhor Ham foi o máximo!

Após o recreio, de volta à sala de aula na roda de conversa, todos queriam falar ao mesmo tempo. Como de costume eles levantam a mão e eu vou numerando aleatoriamente: 1,2,3,4,5,6,7,8,9 e 10. Assim os dez primeiros dão suas opiniões, fazem seus comentários. Depois outros dez, e assim, nossa bagunça estava organizada.

_Nossa, o filme é eletrizante!

_Esse menino é fera! Gostei daquela parte que ele põe casaco, tira casaco, coloca casaco.

_Eu também!

_E ele já estava ficando irritado com o velho!

_Eu acho que se fosse eu, já tinha desistido!

_Esquentadinho hein! O Sr Ham te quebrava todo.

_Nããão! Ele era contra a violência!

_Eu gostei do beijo!

_Só que a menina era maior que ele!

_E daí??

_Daí que é bom o homem ser maior.

_Mas ele ainda vai crescer!

_A mãe do Dre fica com o Senhor Ham no final!

_Claro que não! Eles ficaram só amigos!

_Que doido, só por causa do serviço da mãe, ele teve que sair dos estados Unidos e ir pra China! Que chato!!

_ Só de ir pra roça eu fico com saudade daqui. Imagine sair do país!!

_Ele aprendeu o golpe da serpente!!
_Isso que salvou ele!
_Isso e todo o resto, ele foi um bom aluno!
_Ele era engraçado, ficou debochando na hora do “Atitude”!
_Cê viu? O amigo dele deu o próprio skate pra ele!
_Deu dó naquela hora!
_Que hora?
_Foi no comecinho, quando ele estava triste com a cara na janela do carro.
_É mesmo!
_Cada lugar legal que o Sr Ham levou ele, hein?!
_Nossa, e a hora que o Sr Ham destrói o carro tadinho?
_É nessa hora que eles ficaram amigos de verdade. Tipo um ajudou o outro....
_E na hora do beijo hein? Maior mico! Todo mundo viu lá no teatro de sombras!

(risos)

Cláudia: _Pessoal! O Dre sofreu preconceito pelo fato de ser negro?

_Não! Acho que é porque ele não era chinês.

Cláudia: _ Então ele passaria pelas mesmas situações se fosse branco?

_Acho que sim!

_É! Eu também!

Cláudia: _ Na verdade foi um choque cultural, ele passou por aquelas situações por ser americano! O que vocês acham do cabelo dele?

_Maior da hora!

_Aquelas trancinhas duraram o filme todo! Nem é assim de verdade! Elas desmancham!

_Talvez a mãe dele que arrumava todo dia.

_Vai ver era...

A conversa acaba e então peço a eles que, em grupos, desenhem uma cena que represente o filme e escrevam um pouco sobre os personagens.

Alguns alunos colocaram que o garoto havia se mudado para o “Japão”. Desta vez, a utilização do lápis marrom para colorir o Dre, a mãe dele, foi mais natural...

As crianças gostaram do ídolo adolescente, e para aquelas, negras e/ou pardas o efeito positivo aparece de forma sutil. Um certo orgulho estampado no brilho dos olhos.

Conversei com eles a respeito da primeira versão deste filme, em que o protagonista era branco. Destaquei que a cor da pele do protagonista não alterou a história, e muitos papéis,

no cinema, nas novelas, nas propagandas, nos *outdoors*, podem ser desempenhados por pessoas das mais variadas etnias. É muito bom ver um menino negro, protagonizar, desempenhar bem o papel e vencer a luta final.

Perguntei: Em geral, os negros desempenham quais papéis?

_De bandido, gente do mal!

_Empregada...

_Às vezes policial! Mas só parceiro do principal, né?

Achei essa percepção do Tiago fabulosa! A conversa foi interrompida, bateu o sinal da saída...

Na semana de 10 a 14 de novembro, o auditório foi requisitado para outros eventos. Então o próximo filme ficaria para o dia 17 de novembro.



FIGURA 4 – Desenho representando impressões sobre o filme *Karatê Kid* – de autoria do aluno

Aproveitei a semana para fazer uma exposição com os desenhos do *Todo Mundo Odeia o Chris* e os desenhos de *Karatê Kid*, montamos um painel, na verdade colocamos num grande TNT, e colocamos na parede ao fundo da sala de aula.

Nesta semana, pedi que desenhassem um super-herói. Poderia ser um conhecido ou eles poderiam criar o próprio super-herói que poderia ser um mix dos heróis que eles já conheciam. Listamos oralmente, e depois registramos as características inerente aos super heróis:

*Do bem

*Forte, muito forte

- *Com super poderes
- *Visão de raio X
- *Geralmente voa
- *Combate o mal
- *É solitário
- *Pode usar máscara
- *Invencível
- *Inteligente! Tem uma mente brilhante!
- * Esperto
- *Rápido!

Os alunos não citaram ser branco como característica, mas os super-heróis criados por eles foram com exceção dos Super-Choque (SIC) do aluno Marcos (branco) um dos únicos super-heróis negros, juntamente com o Lanterna-Verde do aluno Rian (pardo).

Nesta atividade pedi que utilizassem apenas metade da folha de ofício, deixando a outra metade em branco. Recolhi os desenhos, e os guardei no armário.

- ***Hancock (Peter Berg, 2008)***

No dia 17 foi exibido o filme Hancock, onde o super-herói interpretado por Will Smith perdeu sua popularidade entre os moradores da cidade já que a cada ação Hancock deixa um rastro de destruição.

Logo no início, uma trilha sonora com uma música com uma batida pesada, que combina com o sentimento de revolta do personagem central. Traduzido, seria algo como: saiam do meu caminho, não se metam comigo!

Porém, apesar da dureza dos atos, tem uma pitada de humor, um tanto irônico, mas engraçado.

Os alunos de cara gostaram do filme. Na primeira cena ele está dormindo num banco público, com ares de quem esteve bêbado. A transformação dessa imagem negativa, para uma mais compatível com a de um super-herói. Se dá com a ajuda do Ray, um relações públicas que em gratidão por ter sido salvo por Hancock, empenha-se em melhorar sua imagem. E deu certo. De barba feita, uniforme de herói e livre dos vícios, Hancock representa um super-herói perfeito, e negro.

As conversinhas paralelas, ao pé do ouvido são pertinentes ao filme.

_Tô explicando que a loira falou que são irmãos, mas é mentira!

_Na verdade, ela já foi esposa dele. Os dois são os únicos remanescentes daquela espécie.

_Ah! Por isso que as vezes eles sentem as mesmas coisas?!

*Nessa parte, mostra que eles perdem os super poderes se ficarem juntos ou próximos um do outro...

_Ah!

Notei que mesmo sendo a primeira vez para a maioria deles, alguns são mais perspicazes e compreendem mais facilmente alguns detalhes, e compartilham com quem está próximo.

Ao final, abrimos espaço para os comentários

Alguém gritou:

_Nossa! Esse foi o melhor filme de preto! (Risos)

_Eu gostei do *Karatê Kid!*

Sugeri que voltássemos para este que acabamos de ver.

_Quem gostou levanta a mão!

Claro que todos levantaram as mãos.

A maioria já conhecia o ator de outros papéis, principalmente pela série “*Um Maluco no Pedaco*”. Aproveitei para falar que ele também é o pai (na vida real) de Jaden Smith do “*Karatê Kid*”.

Cláudia: _Vocês imaginavam um super-herói negro?

Cláudia: _Quais as características negativas que ele precisou superar?

_largar o vício do álcool.

_Se arrumar mais.

_Ser mais calmo nas ações.

_Deixar de ser revoltado! Nossa! Ele era muito nervoso!

_Mas era engraçado.

_Foi mal a mulher não contar nada pra ele!

_Quando a bola caiu do lado de fora, achei que ele ia fugir.

_É mesmo, se ele quisesse, ele fugia!

_Mas ia ficar fugindo pra sempre??

_E o carinha tava ajudando ele a se tornar uma pessoa melhor. (Uau! Que profundo)

Cláudia: _E conseguiu?

_Claro, você não viu? Ele ficou super-bom!

_Mas ele disse que não ia colocar aquela roupitcha (SIC) e acabou colocando! (Risos)

_Sem a roupa ele ia parecer uma pessoa normal...

_Mas no começo ele parecia um bêbado e tinha poderes!

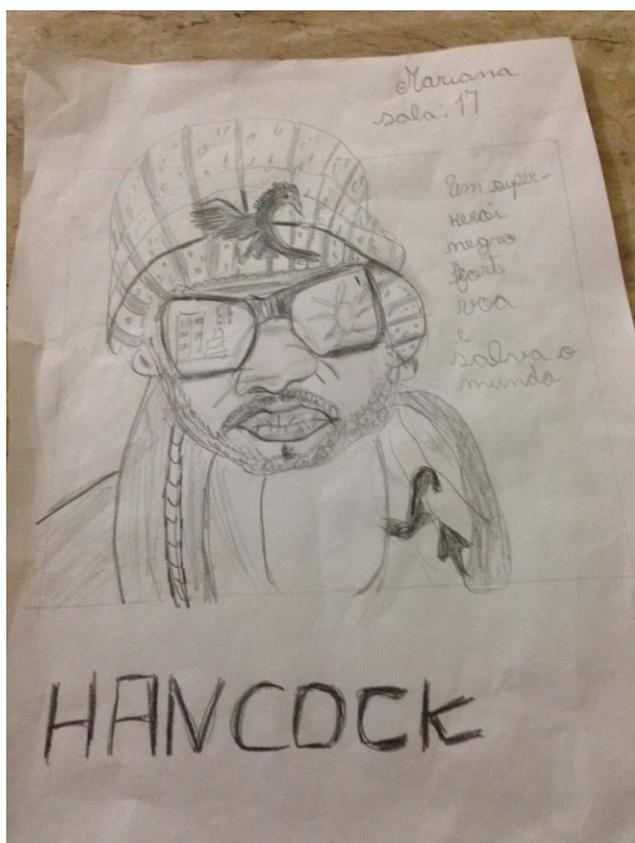


FIGURA 5 – Desenho após projeção do filme Hancock de autoria da aluna Mariana Luisa de Freitas Paiva

_Mas combina melhor do jeito que ficou!

_Deu dó ele ter ficado sozinho!!

_Sozinho nada, com a lua.

_Engraçadinho.

_Mas é melhor ficar sem a mulher e com os poderes, do que com a mulher e fraquinho.

A conversa seguiu animada e dessa vez pedi que desenhassem o Hancock ao lado daquele super-herói que já haviam desenhado...

Terminado o desenho, pedi que cada um olhasse os dois super-heróis. E percebemos que havia um número maior de semelhanças do que de diferenças.

Quais as qualidades do Hancock? Vamos comparar com aquela lista de características de um super-herói, feita na semana anterior? A aula foi bastante produtiva. Cor de pele foi um mero detalhe.

As sessões comentadas de filmes contribuíram para que as crianças percebessem claramente a intencionalidade do trabalho. Um dos meninos, o Tiago, logo de início quando relacionávamos os títulos, disse:

_Todos esses filmes têm ator principal negro!

Eu fiquei surpresa! Que esperto! Agora, ao avaliar oralmente, noto que cresceram em argumentos, a postura para se ver um filme foi mudando, parecem investigadores, demonstram um interesse genuíno.

- *Kiriku e a Feiticeira (Michel Ocelot, 1998)*

E dia 15 de dezembro, última semana de aula, surpreendi as crianças com uma sessão extra de cinema: *KIRIKU*. Perfeito para fechar este ciclo.

Após o intervalo fomos para o auditório. As crianças assistiram ao filme com um interesse impressionante. Compenetrados, atentos aos detalhes, parecia até que olhavam com certo respeito.

Logo no início há uma cena em que as mulheres aparecem nuas da cintura pra cima. Não ouvi comentários, nem burburinhos... assistiram com naturalidade e respeito.

Ao final, pedi que citassem uma cena ou parte que acharam interessante:

_Eu gostei da parte que o avô explicou sobre o espinho das costas da Karabá

_Eu gostei da parte que os bichinhos salvou o *Kiriku*, em retribuição por terem sido salvos.

_Eu gostei quando o Kiriku salvou os meninos

_Eu gostei, fala mais especificamente da cultura dos negros, e os outros não falavam tanto.

_Achei interessante a história da KARABÁ. Se antes ela era malvada por causa do espinho nas costas, e ficou boa quando o Kiriku retirou...

_Gostei que mesmo a feiticeira sendo muito malvada a aldeia ainda a perdoa e aceita ela no final

_Gostei da inteligência do Kiriku. Ele pergunta para o avô como a bruxa realmente era.

_Interessante que mesmo pequeno ele é esperto e inteligente.

_Ele nasceu prematuro porque ele era muito pequeno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Lancei três questões simples no dia 20 de novembro.

1- O que os filmes veiculados têm em comum?

- *Os protagonistas são negros
- *Eles sofrem discriminação (eles usaram muito o termo “bulim (SIC))
- *Eles têm melhores amigos brancos que se importam com o sofrimento deles.
- *Eles são inteligentes, esforçados e sempre tentam ser felizes.
- *Eles se importam com as pessoas à volta deles.
- *São bonitos.

2-O que você acha que uma criança negra sente ao ver estes filmes?

- *Ela se sente feliz!
- *Ela melhora a autoestima
- *Passa a ter orgulho de ser negro
- *Se acha importante também
- *Sente alegria e acha que não tem mais preconceito
- *Ele se sente aceito na sociedade
- *Se sente feliz em ver que um negro pode ser príncipe, rei, super-herói, tudo!
- *Ele se sente menos excluído pelas pessoas
- *Ele se sente confiante
- *Ela se sente bem por ver uma pessoa da sua cor, e daí ela não quer mais ser da outra cor, e passa a gostar mais da sua cor de pele.
- *Se sente mais segura e com menos medo de sofrer preconceito.

3- O que acha que as pessoas brancas sentem ao assistirem filmes com protagonistas negros?

- *Eu acho que eles se sentem surpreendidos porque eles não esperavam isso.
- *Na minha opinião eu me sentiria bem, porque um negro se sente aceito.
- *Sente que o negro vai roubar o lugar do branco.
- *Sente feliz em ver que tem personagens e príncipes negros.
- *Se sente impressionado.
- *As pessoas vão pensar que o negro está roubando o lugar deles
- *Xinga tipo: olha o neguinho metido

- *Acha que o negro tá tomando o lugar dele
- *Sente que a pessoa negra pode ser boa.
- *Essas pessoas têm que achar justo. Porque sempre em quase todos os filmes os protagonistas são brancos.
- *Querendo ser da mesma cor
- *Talvez feliz, ou com raiva por pensar que o negro pode tomar o seu lugar.
- *Sente inveja.
- *Feliz, porque ele é ser humano como nós
- * A maioria sente que ele está roubando o lugar do branco e que ele deveria ser estar fazendo o papel de um ladrão ou um escravo.

Essas respostas abriram espaço para novo debate: rico, cheio de indignações, reflexões, sugestões. Foi comovente.

Ao propor novos olhares e novas possibilidades em minha prática profissional, pensei no grupo como um todo, que de alguma forma não se reconhecia nos protagonistas dos filmes infantis a que eram expostos. Desse modo, a escolha de filmes não foi uma escolha neutra, havia uma intencionalidade desde o início.

A escolha do tema “A invisibilidade do negro no cinema infantil” teve como objetivo veicular aos pequenos, filmes em que o negro atuava como protagonista: super-herói, personagem “do bem”, de boa índole, no intuito de que os alunos pudessem elevar sua autoestima, se orgulhassem de si mesmos e parassem de negar sua própria identidade.

Nesse contexto, posso afirmar que meu objetivo foi alcançado, pois pelas conversas com os alunos ficou evidente que eles mudaram o olhar acerca da negritude.

No âmbito escolar, a escolha do currículo gerou polêmicas, pois nossos pares entendem que a função da escola é a de conhecimento da forma mais tradicional possível, mas podemos e devemos lançar mão das variadas estratégias e diferentes modos de conhecer o mundo.

Extrapolar, reinventar, subverter essa ordem, e assim ampliar a visão de mundo dos alunos por meio de métodos mais lúdicos e interativos, utilizando o cine clube, por exemplo. Através da ferramenta cinema foi possível divertir e produzir alegrias, de modo que a aprendizagem e mudança de postura em relação ao próximo passaram a ser consequência do projeto.

Com os alunos o trabalho foi bastante prazeroso, pois a diferença de comportamento deles foi notável, os comentários se tornaram mais complexos e abrangentes. Realmente foi desconstruída a imagem pejorativa associada ao negro e pude notar que eles não negavam

mais traços/características negróides, pois com as reflexões sobre os filmes e os personagens, isso deixou de ser depreciativo.

5. REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. 2a ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2004 apud DIOGO, Rosália. *Mídia e Racismo: ensaios*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

BORGES, Rosane et al. *Mídia e racismo*. Petrópolis: RJ : DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012.

DIOGO, Rosália. *Mídia e Racismo: ensaios*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

MEYER, Dagmar. *Das (im)possibilidades de se ver como anjo...* in: GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha G. *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.51-69.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racism, identidade e etnia*. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009.

OLIVEIRA, Fátima. *Ser negro no Brasil: alcances e limites*. Estudos Avançados, 18 (50), 2004.

PARAISO, Marlucy Alves. *Um currículo entre formas e forças: diferença, devir-artista da contadora de filmes e possibilidades de alegrias em um currículo*. In: FAVACHO, A.M. et al. *Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões*. Curitiba: CRV, 2013. p. 191-208.

SILVA, Ana Célia da. *Ideologia do Embranquecimento*. In: Série Pensamento Negro em Educação, vol.1, 2a. edição, Florianópolis: Ed. Atelende, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Solange Jobim. *O Menino Kirikou, a Feiticeira Karabá e o Sábio da Montanha*. Publicado em: <http://www.gedest.unesc.net/seilacs/kirikou.pdf>. Acessado em 06 de dezembro de 2014.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro et al. (org.). *A infância vai ao cinema*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; Lopes, Jose de Sousa Miguel.(org.) *A diversidade cultural vai ao cinema*.Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

5.1 Filmografia:

BERG, Peter (Dir.) *Hancock*. DVD. Ação. 92 min. Prod. Will Smith et al. EUA, 2008.

LAMARCA, Tania e BLOCH, Sergio (Dir.). *Tainá – Uma aventura na Amazônia*. DVD. 90min. Aventura. Brasil, 2000.

OCELOT, Michel (Dir.). *Kiriku e a feiticeira*. França, Bélgica e Luxemburgo, 2000 DVD: (Duração: 74 min.).

ROCK, Chris et al. *Everybody Hates Chris*. Série de televisão. The CW Television Network, United Paramount Network, 2005-2009.

ZWART, Harald (Dir.). *Karate Kid*. DVD. Ação. 140 min. Prod. Will Smith. EUA, 2010

6. ANEXOS:

Na disciplina Memória, Patrimônio e Cinema, ministrada pela professora Mariza Guerra, promoveu-se uma discussão acerca das narrativas da memória. Para dar início a esta minha prática pedagógica, lembrei-me de uma atividade em que a intenção era valorizar a memória dos antigos moradores do Bairro Vila Santa Branca, e dessa forma convidamos a dona Marli para uma roda de conversa com os alunos da nossa turma. Deste bate-papo, surgiu um precioso relato, transcrito à seguir

Memórias do bairro Vila Santa Branca segundo Dona Marli

“Meu nome é Marli Aparecida Ferreira, tenho 57 anos e moro aqui há 50 anos, na mesma rua, só mudei de casa quando me casei.

Cheguei aqui aos 7 anos de idade. O bairro era formado por chácaras e grandes extensões de terras e vegetação rasteira, na parte alta, tipo pasto.

Meu pai era lavrador, veio de Lavras, cidade do sul de Minas, para tomar conta da chácara hoje na Barra da Tijuca, que abrangia a parte de cima e de baixo. Na parte alta da chácara existia plantação de bananas, laranja e limão. Na parte baixa, era brejo, próximo ao córrego do Capão, que faz divisão junto com o bairro Piratininga. Lá cultivava arroz, verduras e alguns legumes, etc. O córrego do capão não era poluído. Suas águas transparentes com peixes, como bagre, piaba e sarapó etc.

A escola mais próxima era no SESC, a Escola Estadual Afonso Pena Mascarenhas em 1961. Era maravilhoso, uma hora de caminhada para chegar na escola. Pelo caminho só havia pastos, hortas e uma turma de 9 alunos que reuniam ao longo do caminho para irem juntos. Na escola, tinha até a 4ª série, mais um ano de admissão, onde o aluno iria cursar 5ª série, antigamente, 1º colegial. A 5ª série só tinha na cidade. Poucos tinham acesso, devido ao pagamento de passagens de ônibus e pagamento do colégio.

Ônibus vinha de Neves, 3 vezes ao dia, para o centro. Supermercado só na cidade, perto da rodoviária, o famoso “Grilo”.

Na rua Providência, era uma linda mata nativa, com uma casa bem simples no meio, era bonito de se ver. Era chamada mata do Sr Geraldo, proprietário.

Onde é a Escola Municipal Moacyr era um pasto com vegetação baixa. Depois de muito tempo, fizeram uma escola com 3 salas na rua Itapetiniga, Rio Branco, ficando mais

perto. Depois ao lotearem as chácaras, mais uma escola vizinha do Moacyr, no Lagoa. E o progresso continuava.

Quando inaugurou a Escola Municipal Professor Moacyr Andrade, eu já estava casada com 30 anos e 2 filhos. Eles estudaram no Moacyr.

E o progresso chegou. As trilhas ou “picadas pela vegetação” rasteira iam se transformando em rua, sem asfalto, de terra. Quando chovia era barro, tinha sol, era poeira. Depois tudo se transformou: escolas perto de casa, muitos vizinhos, várias linhas de ônibus, supermercados, bancos, ruas pavimentadas e o córrego do Capão poluído com esgotos das residências, inclusive da minha, animais mortos, entulhos, poda de árvores, sacolas cheias de lixo, etc.”